

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Misoginia e sentidos produzidos em fóruns online: análise a partir dos *posts* compartilhados
de forma aberta por usuários masculinos

André Villela de Souza Lima Santos

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte
das exigências para a obtenção do título de Mestre em
Ciências. Área: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Ribeirão Preto - SP

2023

ANDRÉ VILLELA DE SOUZA LIMA SANTOS

**Misoginia e sentidos produzidos em fóruns online: análise a partir dos *posts*
compartilhados de forma aberta por usuários masculinos**

Versão original

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos

Ribeirão Preto - SP

2023



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LEPPS - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde
Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901, Ribeirão Preto-SP



Misoginia e sentidos produzidos em fóruns online: análise a partir dos *posts* compartilhados
de forma aberta por usuários masculinos

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte
das exigências para a obtenção do título de Mestre em
Ciências. Área: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

RIBEIRÃO PRETO-SP

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio
convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Este estudo foi desenvolvido junto ao



VIDE | VERSO

grupo de ação e pesquisa em
diversidade sexual e de gênero

Apoio financeiro

O desenvolvimento deste estudo contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mediante concessão de bolsa de mestrado, processo número 160741/2021-1, com vigência de outubro de 2021 a setembro de 2023.



DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação aos meus pais, Wagner e Sônia, pelo apoio incessante, e a minha companheira, Isadora, pelo carinho e paciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, Sônia e Wagner, não apenas por instigarem em mim curiosidade pelo mundo, mas também por fornecerem todo tipo de suporte, principalmente emocional, para que eu tivesse condições de perseguir essa curiosidade. Por não só não terem se queixado quando, por vezes, decidi trilhar caminhos heterodoxos, mas, pelo contrário, por terem apoiado esses caminhos.

À minha companheira Isadora Bittar, pelo compartilhamento de experiências e afeto. Por estar comigo desde o ano em que passei a integrar o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS), por ter me visto passar noites em branco corrigindo trabalhos e, principalmente, por me permitir inaugurar uma nova fase da minha vida ao seu lado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, que, desde nosso primeiro contato, ouviu atentamente minhas inquietações sobre a presente pesquisa. Por ter demonstrado paciência e dedicação ao ler tudo o que eu escrevia, mesmo quando os termos "*incel*" ou "*red pill*" ainda não ressoavam por todos os cantos e não havia garantia de que uma pesquisa sobre tais temas seria sequer viável. Pelas incontáveis correções, leituras e releituras, sugestões e pelo trabalho que acabou por permitir que eu me visse, cada vez mais, também como pesquisador. Além disso agradeço ao prof. Manoel pelo compartilhamento não apenas de seu trabalho como orientador, mas também pela sua amizade. Pelas conversas sobre filmes, literatura, poesia, política ou música com quem aprendo tanto. Pelo compartilhamento de tamanha erudição que se torna cada vez mais escassa no mundo.

Aos meus tios, Rita e Osni, e minhas primas, Raíssa e Beatriz, pelo exemplo de cuidado, amor e dedicação e por me fazerem sentir em sua plenitude o significado de “família”.

À minha primeira orientadora, ainda na graduação, Juliana Vendruscolo, por criar a ponte que me levou ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS), além de ter me sido minha grande guia nos estudos fenomenológicos-existenciais desde a graduação até a pós-graduação, paixão que me guia diariamente.

A André Bordini, que, ao lado de Juliana, desempenhou papel crucial em minha jornada nos estudos fenomenológico-existenciais durante a pós-graduação. Além disso, por me proporcionar o privilégio de compartilhar a sala de aula na disciplina de fenomenologia-existencial na USP desde 2020.

À Dra. Érika Arantes de Oliveira-Cardoso, co-coordenadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS), por ser alguém com quem sempre pude contar nos momentos de necessidade e por sempre ter oferecido sua escuta ativa para acolher minhas dúvidas e anseios.

Aos meus amigos de quatro patas, Matisse, Catu, Akira e Apolo, meu cão que nos deixou em 2023, após 15 anos muito bem vividos. Apolo me acompanhou desde a adolescência, no colegial, até o ano de conclusão do meu mestrado, e sua mera presença sempre foi o suficiente para me fazer bem.

Aos meus amigos André Pádua, Arthur Fendrich, Arthur Gasparini, Caio Lima, Felipe Herscovici, Gabriel Alves, Gabriel Brandani, Gisele Lima, Gustavo Pieroni, João Pedro de Almeida, Leonardo Ikeda, Luiz de Lucca Neto, Maira De Bortoli, Pedro Marinzeck, Rafael de Souza e Vinicius Soares pelo suporte em forma de lazer e acolhimento, seja nos grupos de *Whatsapp* seja nas cadeiras do bar.

A Lucas Pereira de Melo e a todos os membros do Laboratório de Pesquisas Sociais em Saúde e Enfermagem – LASSEn, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto pelo apoio e receptividade ainda no início de minha jornada, além dos ensinamentos em sala de aula, onde tive o prazer de, também, ser seu aluno.

Aos professores que tive durante todo o mestrado na Universidade de São Paulo e que me permitiram entrar em contato com literatura, obras e, conseqüentemente, reflexões que acabaram por moldar essa dissertação.

Ao serviço do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas (REMA) por ter me permitido desenvolver a função de supervisor de atendimentos clínicos,

atribuição até então inédita para mim. Agradeço também às estagiárias e estagiários que tive o privilégio de supervisionar e aprender tanto ao longo desses anos.

Finalmente, minha gratidão aos membros do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS), que provam que nenhum trabalho é feito a duas ou sequer a quatro mãos, mas com muitas, incontáveis. Primeiramente devo muito ao Prof. Dr. Eduardo Name Risk, mais do que conseguiria expressar nesse parágrafo. Por ter sido a primeira pessoa a me receber no laboratório, quando eu mal sabia o que fazia um mestrando, por ter sido a segunda pessoa a ler meu pré-projeto de pesquisa (após o prof. Manoel), por ter me oferecido valiosas sugestões e orientações de leitura, por ter sido sempre alguém disposto a me ouvir e indicar direções, e por ser um grande amigo.

Em seguida, agradeço àqueles membros do laboratório com quem tive contato ainda em 2019, como Breno César de Almeida da Silva, Lucas Mascarim da Silva, Vinícius Alexandre, Yurín Garcêz, Michel da Matta Simões, Jorge Henrique Correa e Mariana Gil, por me introduzirem à vida uspiana pelas conversas e discussões compartilhadas, grupos de estudos e eventos científicos.

À geração de membros do LEPPS com que tive contato posteriormente: Bruna Bortolozzi Maia, Felipe Campelo, Raquel Borges, pelas reuniões do GOC, pelo apoio mútuo e compartilhamento de atividades que se tornaram mais leves graças ao trabalho de todos.

À Natália Gallo e Pamela Sola, sem as quais eu não teria feito metade do que fiz no mestrado. Agradeço pelas orientações, sugestões e respostas sempre prontas quando me encontrava em dúvida ou sem saber para onde seguir. Ter ingressado no mestrado no mesmo semestre que vocês foi sorte e privilégio para mim.

À Elaine Campos Guijarro Rodrigues pelo incansável trabalho e disposição concernentes à produção mais trabalhosa e sofisticada que realizei nesse mestrado, uma metassíntese submetida à avaliação de um periódico internacional. Acredito que falo em nome de todos os pesquisadores do LEPPS quando agradeço a Elaine, por ter se tornado nossa referência quando se trata de assunto tão complexo e trabalhoso, papel que ela cumpre de forma tão generosa.

À Letícia Carolina Boffi, cujo tema de pesquisa me permitiu trocas e compartilhamento de tarefas e atividades e cuja amizade me permitiu conversas, risadas e desabafos. Agradeço também por ter se tornado uma grande amiga.

À Carolina de Souza, que se tornou uma grande amizade, seja pela presença no LEPPS desde que passei a frequentar as reuniões, pelo interesse em gatos, pela paixão por cultura *pop* ou pelos diversos artigos, pôsteres em eventos e apresentações que produzimos juntos ao longo dos anos. Se concluo essa dissertação, é graças aos seus conselhos, sugestões e, principalmente, paciência.

I Know It's Over

If you're so very entertaining

Then why are you on your own tonight?

If you're so very good-looking

Why do you sleep alone tonight?

I know

'Cause tonight is just like any other night

That's why you're on your own tonight

With your triumphs and your charms

While they're in each other's arms

It's so easy to laugh, it's so easy to hate

It takes strength to be gentle and kind

Morrissey, S. & Marr, J. (1985). I Know
It's Over. Em *The Queen Is Dead*.
Farnham: Rough Trade.

.

RESUMO

Lima-Santos, A. V. S. (2023). Misoginia e sentidos produzidos em fóruns online: análise a partir dos *posts* compartilhados de forma aberta por usuários masculinos (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que determinados ambientes online podem ser caracterizados como comunidades por se beneficiarem de um sentido de espaço, práticas, recursos e apoio compartilhados, com negociação de identidades e oportunidade de relacionamentos interpessoais. busca ampliar a compreensão sobre questões de gênero e violência na contemporaneidade, utilizando uma abordagem teórica pós-estruturalista e de Estudos de Gênero. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, conduzido por meio de análise documental. A pesquisa se concentra na análise qualitativa de mensagens em fóruns frequentados por homens, destacando a influência do anonimato e da fluidez identitária na perpetuação de estereótipos de gênero. O pesquisador acessou um *site* específico, por um período de três meses, para observação e registro sistemático das postagens, comentários e discussões, sem estabelecer interação virtual com os usuários da página. As postagens foram salvas em formato de texto e transferidas para o software ATLAS.ti, que permitiu a organização e análise dos conteúdos coletados. Seguiu-se uma leitura atenta dos conteúdos, em busca de elementos que permitissem dialogar com o objetivo do estudo; por meio da seleção e marcação preliminar de palavras e frases relevantes, buscou-se encontrar nas narrativas regularidades e deslocamentos, identificando continuidades e transformações, semelhanças e diferenças na trama discursiva. Ao final, foi realizada uma análise descritiva e comparativa entre os *posts*, o que permitiu rastrear e desvelar as formações discursivas presentes nas mensagens compartilhadas pelos usuários do *chan*. Como resultados, foram delineados três temas: “Fraturas expostas”: relatos de cunho sexista/racista na *manosphere*; “O que é isso, companheiro?": usuários lamentam a própria vida; e Em busca da majestade perdida: a ideologia *Red Pill*. Os resultados evidenciam a exposição de fissuras estruturais no discurso hegemônico das masculinidades, que produzem excluídos em suas margens. Ao se posicionarem como párias sociais, os usuários do *chan* se identificam com o universo das masculinidades subalternas. A falta de regulamentação no ambiente da internet é um ponto crítico que favorece a disseminação de comunidades especializadas em propagar discursos de ódio na rede. No entanto, percebemos que essas comunidades online têm natureza ambivalente: se por um lado promovem violência, por outro atuam como espaços que oferecem suporte e reforçam laços de solidariedade entre os seus usuários, que sob o manto protetor do anonimato se sentem seguros para expor suas frustrações e fragilidades no *chan*. Este achado destaca a complexidade que envolve o debate atual sobre as comunidades online, sendo contraproducente defini-las unicamente por seu viés de intolerância. No que diz respeito ao viés misógino, é crucial examinar suas características específicas, como a promoção de uma lógica predatória inspirada no modelo extrativista da ideologia neoliberal, elemento identificado em um número significativo de publicações. Finalmente, observamos que os impactos da produção discursiva de teor misógino são bastante tangíveis no contemporâneo, independentemente do meio no qual esse tipo de pensamento prospera. A superação de fronteiras territoriais e limitações geográficas, facilitada pelo uso das tecnologias de informação e comunicação, cria condições propícias para a potencialização desses discursos, favorecendo a amplificação do alcance de mensagens que retroalimentam práticas misóginas no mundo *off-line*.

Palavras-chave: masculinidade; gênero; Internet; misoginia.

PREÂMBULO

Em 2018 me formei em Psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) e, desde então, busquei estreitar relações com a universidade pública de minha cidade devido ao meu interesse pela área acadêmica e pelos estudos de gênero. Ciente desse desejo, minha então orientadora de monografia, Profa. Dra. Juliana Vendruscolo, recomendou-me que procurasse o Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual e de Gênero (VIDEVERSO)¹, que me era até então desconhecido. O grupo, que está formalmente inserido no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS),² do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), foi criado pelo Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos e tem por objetivo qualificar o debate contemporâneo no contexto das diferenças relacionadas às relações de gênero e sexualidade, com atenção à população LGBTQIA+. Para tanto, desenvolve atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e intervenção psicológica com foco em gênero e sexualidade humana.

Fui prontamente acolhido pelo grupo e pelo LEPPS, e passei a participar das reuniões quinzenais. Desde o início fiquei impressionado com o rigor das discussões teóricas e a amplitude dos projetos de pesquisa desenvolvidos por seus/suas integrantes. Passei a ser um assíduo frequentador dos encontros a partir de fevereiro de 2019 e no início de 2020 tive a oportunidade de exercer a função de vice-coordenador do VIDEVERSO, quando o grupo estava sob a liderança do psicólogo e mestrando Vinicius Alexandre, pesquisador do campo das conjugalidades trans.

No mesmo ano de 2020, sob orientação do Prof. Manoel e em conjunto com outros colegas do LEPPS – Lucas Mascarim da Silva, Breno César de Almeida da Silva, Carolina de Souza e Yurín Garcêz de Souza Santos, participei da criação do Grupo de Estudos em Masculinidades³, que também promove reuniões com frequência quinzenal. O grupo Masculinidades busca aprofundar conhecimentos no campo da produção teórica dos estudos de gênero, detendo-se especificamente nas questões relativas à construção das masculinidades, a partir do olhar da Psicologia. Para assumir a coordenação desse grupo, renunciei à vice-coordenação do VIDEVERSO em 2022, embora tenha permanecido como membro do grupo e participante assíduo de suas atividades.

Enquanto participava das reuniões do VIDEVERSO e do Grupo de Estudos em Masculinidades, também me tornei integrante ativo dos encontros quinzenais do LEPPS, que

¹ <https://sites.usp.br/lepps/videverso-2-2/>

² <http://sites.usp.br/lepps/>

³ <https://sites.usp.br/lepps/masculinidades/>

congrega pós-graduandos(as), pós-doutorandos(as) e pesquisadores(as) associados(as), que são professores(as) de outras instituições de nível superior, como UFSCar, PUC-Campinas, UFTM e Universidade Federal do Rio Grande. As reuniões do LEPPS têm um formato de Grupo de Orientação Coletiva (GOC), espaço no qual os(as) orientandos(as) do Prof. Manoel e da Dra. Érika Arantes de Oliveira-Cardoso, co-coordenadora do Laboratório, socializam informações, esclarecem dúvidas e compartilham suas descobertas e desenvolvem seus recursos em seus respectivos trabalhos de pesquisa em andamento. Os debates são coordenados de modo a formar pesquisadores(as) críticos(as), com habilidades e competências para refinar seus projetos, planejar publicações e participações em congressos. Nas reuniões do GOC tenho tido oportunidade de aprender como os projetos de pesquisa são planejados e conduzidos na prática e, de quebra, tenho me familiarizado com os bastidores e meandros de funcionamento do mundo acadêmico. O aprendizado sobre a lógica do trabalho de formação de um(a) pesquisador(a) se renova toda quinzena, quando reencontro colegas e nos dispomos a aprender uns/umas com os(as) outros(as). A bússola que nos orienta no caminho é o desejo de produzir uma ciência comprometida com o tempo e com a construção coletiva de uma sociedade mais justa, inclusiva e emancipada.

Outro marco relevante de minha trajetória no âmbito da formação em pesquisa em Psicologia foram as atividades desenvolvidas como monitor de disciplinas ministradas no curso de graduação da FFCLRP-USP. Simultaneamente às atividades mencionadas, tive a oportunidade de completar uma especialização em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pela FAPSI (Faculdade PSICOLOG) de Ribeirão Preto-SP. Essa especialização me agregou amadurecimento e preparo teórico para exercer, a partir de 2020 até o momento, a função de monitor junto à disciplina Teorias e Práticas em Psicologia Clínica: Abordagem Fenomenológico-Existencial, oferecida aos alunos de graduação em Psicologia da FFCLRP. Desde então venho exercendo anualmente esta função, que me permite ter contato com os alunos da graduação e aprofundar meus conhecimentos sobre Fenomenologia-Existencial, como resultado da relação dialógica estabelecida entre professores e alunos(as) da disciplina.

A partir de 2020 também exerço a função de monitor do estágio profissionalizante “Atuação em Psico-Oncologia: Atenção Multiprofissional a Mulheres com Câncer de Mama (REMA)”, ao lado de minha colega Carolina de Souza, doutoranda do LEPPS. Atuo no apoio à supervisão de estagiárias(os) que atendem mulheres com câncer de mama assistidas pela equipe multiprofissional do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas (REMA), da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP), sob o

olhar da clínica fenomenológico-existencial. Ambas as monitorias se dão sob a supervisão e coordenação do Prof. Manoel.

Graças a minha aproximação com os integrantes do LEPPS pude obter subsídios e aprimorar meus recursos internos para, gradualmente, conceber meu projeto de mestrado. Situada no campo das masculinidades, delineeí uma pesquisa com o propósito de compreender as condições de produção e disseminação de discursos misóginos no ambiente online. O interesse pelo tema remonta minha adolescência, quando, à semelhança do que aconteceu a outros jovens da minha geração, mantive contato prolongado com fóruns online destinados ao compartilhamento de discussões dos mais diversos assuntos, tais como esportes, cinema, *videogames*, cultura popular ou mesmo relatos pessoais. Embora discussões de cunho político ou ideológico fossem relativamente raras nessas experiências, não eram totalmente ausentes, mas reconheço que não me interessavam em absoluto. No entanto, no ano de 2013, percebi que as discussões e os conteúdos compartilhados nesses fóruns (inclusive os mais despolitizados) abruptamente passaram a adquirir um teor agressivo e virulento em relação a temas conhecidos como pautas identitárias ou de costumes, com recortes de classe, raça, gênero e geração, refletindo o clima de polarização político-partidária que iria tomar conta do debate público nos anos seguintes.

Os acontecimentos de junho de 2013, evidentemente, não criaram o machismo, o racismo ou os preconceitos que passaram a se manifestar de forma célere na Internet a partir de então, mas, na minha perspectiva de usuário de comunidades online, escancararam fenômenos que até então estavam latentes ou que permaneciam despercebidos para mim no cotidiano das redes. Devido à toxicidade que esses ambientes passaram a ter, me afastei de pronto, mas sempre cultivando um certo fascínio e curiosidade pelo que teria levado as coisas a tomarem o rumo que tomaram. Passei a ler notícias sobre a “nova direita”, a extrema-direita online, seus métodos, *modus operandi*, formas turvas de pensar e disseminar crenças abjetas sobre minorias. Percebi que as redes e mídias digitais eram instrumentalizadas para a propagação de ressentimentos e rancores primitivos. Até que um dia deparei com um neologismo que, aos poucos, foi ganhando notoriedade e que passou a me intrigar: os *incel*. O termo *incel* (de *involuntary celibate*, ou celibatário involuntário) era apenas um dos nomes atribuídos a diversos grupos que proliferavam na opacidade da *World Wide Web* (WWW), conhecidos pelo seu comportamento misógino, agressivo, pernicioso e, muitas vezes, criminoso. Constatei que os *incel* utilizavam a rede como um genuíno laboratório para que os usuários pudessem vomitar o fel de seus preconceitos e emoções extremas sem qualquer mediação de autocrítica ou filtro racional.

Em 2017, outro acontecimento que recebeu ampla cobertura midiática intensificou meu interesse no assunto: as surpreendentes manifestações de claro cunho neonazista ocorridas na cidade de Charlottesville, no estado da Virgínia, Estados Unidos da América (EUA). Milhares de homens brancos saíram às ruas da cidade entoando cantos com palavras de ordem tais como: “Vocês não irão nos substituir”, “Vidas brancas importam” e “Judeus não irão nos substituir”. É importante salientar que a maioria dos manifestantes era composta por homens. Minha curiosidade dizia respeito ao fato de que esses homens brancos, cisgênero, heterossexuais, cidadãos do país mais próspero do mundo, sentiram necessidade de protestar, de forma pública e presencial, porque se sentiam ameaçados de perder seus privilégios, o que se acentuou com a crise econômica de 2008. A dimensão de sua revolta era tão extremada a ponto de eles utilizarem tochas de fogo emulando o movimento supremacista branco da Ku Klux Klan (KKK). Constatei, com certa perplexidade, que a multidão enfurecida paralisou uma cidade inteira para que sua existência fosse reconhecida. Mas o que de fato esses homens reivindicavam com seu ato transgressor? O que haveria por trás da proposta reacionária de retorno à barbárie? Que força os impeliu a saírem da obscuridade e do anonimato protetor das redes digitais para exporem seus corpos inconformados nas ruas? O que exatamente queriam comunicar desfilando sua nobreza estoica e empunhando suas tochas fálicas? Que desejo de “purificação” e destrutividade se acomodava por trás do simbolismo da chama?

Admito que, na época, minha curiosidade permaneceu restrita às leituras de jornais, vídeos divulgados na Internet e discussões com colegas de profissão. Em 2018, após me formar em Psicologia e ingressar no VIDEVERSO, os contatos que pude estabelecer com pesquisadores(as) e ativistas de causas que se aproximavam de meus interesses levaram-me a começar a estudar exaustivamente a produção científica relacionada ao fenômeno *incel* e a disseminação da misoginia online. A produção nacional era quase inexistente, o que é justificável, afinal, trata-se de um assunto novo que mesmo a imprensa mais qualificada mostrava despreparo para abordar. Foi então, graças ao apoio que recebi dos membros do LEPPS, que pude dar contornos ao meu interesse de pesquisa. Desde o princípio pude contar com o entusiasmo do Prof. Manoel, que se dispôs a apoiar meus estudos, tornando-se, posteriormente, meu guia e orientador no universo da pesquisa acadêmica. A partir de outubro de 2021 tive a satisfação de ser contemplado com bolsa de Mestrado do CNPq, processo número 160741/2021-1, o que permitiu com que eu me dedicasse integralmente às minhas atividades junto ao programa de pós-graduação.

Já no meu último ano de mestrado, fui acometido pelo espanto de notar a explosão de interesse público pelo tema da presente pesquisa: os *incels* e a esfera masculina que agrega

diversas plataformas misóginas na Internet. A partir dessa curiosidade pública, fui solicitado a dar entrevistas para diversos veículos de comunicação de massa, como a BBC⁴, Folha de São Paulo⁵, O Globo⁶, G1⁷, VEJA⁸ e ao programa dominical de TV Fantástico⁹. Essas experiências me despertaram compreensível ansiedade a princípio, porém se mostraram excelentes plataformas para fazer com que a pesquisa atingisse um público amplo e dialogasse com uma camada mais vasta da sociedade.

Ao longo do mestrado, à medida que meu interesse pela pesquisa se desenvolvia, publiquei, em conjunto com o Prof. Manoel e outros colegas do laboratório, dois artigos que não fazem parte da presente dissertação, pois seus temas não abordam o assunto principal desta, ou seja, a misoginia na Internet. No entanto, esses artigos mantêm uma relação indireta com a pesquisa atual. No primeiro, “Construção das masculinidades rurais em Grande sertão: veredas¹⁰”, publicado na Revista Estudos Feministas (Qualis A1), em desenvolvemos reflexões, a partir do pensamento de Raewyn Connell, que objetivavam investigar a construção de masculinidades rurais a partir de uma leitura do romance Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, ou seja, já nos debruçamos sobre a questão das masculinidades, no plural.

Já no segundo artigo, "Tédio e procrastinação como modos de res(ex)istência no contemporâneo" (no prelo), aceito pela Revista Psicologia e Saúde (Qualis A3), analisamos, em diálogo com o pensamento de Michel Foucault e Martin Heidegger, o protagonista do romance russo homônimo Oblómov para problematizar a recusa do indivíduo frente ao imperativo da produtividade, no caso, no mundo social em transição do final do século XIX, com a acelerada urbanização e crescente industrialização, refletindo sobre o significado do tédio e da procrastinação no contexto pós-moderno. Este trabalho nasceu de uma inquietação que senti ao ler tal romance, notando paralelos entre o sofrimento do protagonista e um sofrimento que percebo cada vez mais comum na atualidade. Felizmente minha inquietação foi acolhida pelo Prof. Manoel e, juntos, produzimos este trabalho que, afinal, guarda similaridades com o tema da presente dissertação, afinal, discorremos sobre um homem que sofre frente a profundas

⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2v1y49yp6vo>

⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2023/02/homens-sigma-tendencia-no-tiktok-espalham-misoginia-na-rede.shtml>

⁶ <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/formada-por-grupos-extremistas-machosfera-lucra-ao-disseminar-odio-e-cometer-crimes-contra-mulheres.ghtml>

⁷ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/03/como-coaches-da-redpill-atraem-adeptos-na-esteira-da-crise-da-masculinidade.ghtml>

⁸ <https://veja.abril.com.br/comportamento/o-macho-alfa-esta-em-extincao-e-isso-e-otimo-para-eles-e-elas>

⁹ <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/03/19/nao-fui-obrigada-mas-fui-aliciada-para-estar-ali-diz-uma-das-mulheres-usadas-como-cobaia-por-coaches-para-curso-de-pegacao.ghtml>

¹⁰ <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n179660>

mudanças sociais próprias de seu contexto de transição, sentindo-se deslocado e alheio ao mundo que lhe exige cada vez mais aquilo que ele não está em condições de oferecer.

Por último, julgo importante salientar os desafios teórico-metodológicos que a pesquisa desse tema apresenta, afinal, escrutinar águas turvas e quase nunca exploradas, como os fóruns online analisados neste estudo, exige criatividade e disposição para a criação ou adaptação do enquadramento metodológico, uma vez que as especificidades e labirintos dos ambientes virtuais ainda não foram contemplados de forma robusta pela literatura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
2 CAPÍTULO DE APRESENTAÇÃO.....	22
3 ARTIGOS.....	23
3.1 Artigo 1.....	23
3.2 Artigo 2.....	24
3.3 Artigo 3.....	24
4 DISCUSSÃO.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27
ANEXOS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Seção suprimida para ser utilizada em produções/publicações futuras.

2 CAPÍTULO DE APRESENTAÇÃO

Essa dissertação consiste em uma coletânea de três artigos científicos produzidos ao longo do mestrado. O primeiro artigo corresponde a um estudo teórico que problematiza como os discursos misóginos e antifeministas são produzidos e disseminados contemporaneamente no mundo digital. Já o segundo artigo apresenta uma metassíntese de estudos qualitativos primários sobre as práticas de misoginia online (o artigo foi inserido em inglês, idioma no qual foi produzido e submetido), enquanto o terceiro abarca um estudo que busca compreender os efeitos produzidos pelas formações discursivas na construção das representações de masculinidade de homens autores de *posts* compartilhados em um fórum online brasileiro.

Quanto ao *status* do processo editorial, o primeiro artigo foi publicado de forma aberta online e, portanto, sua referência será apresentada junto com seu Digital Object Identifier (DOI) para acesso. Os outros dois artigos, já submetidos (sendo que o segundo já recebeu o aceite da revista), apresentam-se com os nomes dos periódicos aos quais foram enviados e incluídos na íntegra na presente dissertação.

Com o intuito de contemplar os objetivos deste estudo, inicialmente, procuramos realizar reflexões sobre o fenômeno recente da organização da misoginia online em várias plataformas digitais, bem como os grupos e práticas associados a esses fenômenos. Esses aspectos indicaram-nos que a misoginia online, embora relacionada à misoginia "pré-Internet", apresenta características distintas desta última. A dissertação foi conduzida em uma abordagem qualitativa, destacando-se a compreensão de perspectivas múltiplas e os significados atribuídos a situações compartilhadas em um contexto sócio-histórico específico (Astin & Long, 2014).

Os dados obtidos em pesquisas qualitativas dificilmente se expressam em números, pois se organizam de forma discursiva em palavras, são da ordem do sentido, uma prática social produzida em um contexto dialógico, local e situado. Esses elementos, que resultam de um processo ativo de produção de sentidos, organizam-se no plano da linguagem. Assim, a visão de mundo do pesquisador e seu modo de significar as experiências influenciam a forma como se estrutura a experiência do diálogo com seu campo de investigação e como ele arma sua questão de pesquisa, de maneira que há sempre uma postura ativa na produção do objeto e da “realidade” que se deseja conhecer.

3 ARTIGOS TEÓRICOS/ REVISÕES DE LITERATURA

3.1 Artigo 1

Lima-Santos, A. V., & Santos, M. A. (2022). Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(3), 1081-1102. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.69802>

RESUMO

Neste estudo teórico propomos problematizar de que modo discursos misóginos e antifeministas são produzidos e disseminados na contemporaneidade no mundo digital. O conceito de masculinidade hegemônica é trazido à baila para problematizar as formações discursivas que se materializam por meio de ideias importadas de *sites* estrangeiros em plataformas digitais brasileiras. Destacamos o discurso misóginos corrente em fóruns alinhados à nova Direita (*alt-right*), que tem se abrigado sob o termo guarda-chuva *manosphere* (“esfera masculina”), um conjunto de páginas *on-line* e redes sociais conectadas entre si por seu teor “ultramasculino”. Identificamos um artifício alegórico – a *Red Pill* (pílula vermelha), adotado na *manosphere* para nomear o processo pelo qual os homens/usuários finalmente tomam consciência da “realidade” da “ditadura feminista” que subjuga a masculinidade heterossexual. Com apoio do marco teórico propomos compreender esse fenômeno a partir da análise de mensagens de texto e *posts* extraídos do universo digital que buscam delimitar o “homem-de-verdade” em detrimento das masculinidades submissas (*beta*, como são chamadas as não dominantes). Conclui-se que, no cenário digital, graças ao anonimato e à sensação de impunidade garantida pelas plataformas de compartilhamento, os fluxos discursivos misóginos encontram um terreno fértil para proliferarem, engendrando práticas discursivas que convergem para o reforço da dominação masculina.

Palavras-chave: masculinidade, gênero, Internet, misoginia.

3.2 Artigo 2

Manuscrito suprimido por ter sido submetido e estar em avaliação em um periódico científico.

3.3 Artigo 3

Manuscrito suprimido por ter sido submetido e estar em avaliação em um periódico científico.

4. DISCUSSÃO

Seção suprimida para ser utilizada em produções/publicações futuras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa alcançou seus objetivos questionar e trazer à tona a misoginia online enquanto objeto de estudo. O estudo buscou tecer reflexões teóricas acerca do tema, além de se preocupar em avaliar a forma como tal tema está sendo debatido na comunidade científica, se é que está, e realizar análises primárias acerca dessa misoginia que se alastra pelas redes em velocidade espantosa.

Os objetivos da pesquisa foram contempladas, tendo sido possível identificar e investigar: os efeitos de sentido produzidos nos comentários associados a discursos de cunho machista/misógino em fóruns online; compreender de que forma esses discursos se articulam entre si, de modo a produzirem distintas posições de sujeito, que permitem compreender as masculinidades performadas no ambiente online; explorar de que modos a violência de gênero encontra novas ramificações e vias de expressão e materialização em uma sociedade que se reorganiza a partir do advento da Internet e da onipresença da realidade virtual no cotidiano.

Reitera-se que este trabalho encontrou dificuldades em sua execução pelo fato de o tema estudado ainda ser, relativamente, incipiente na academia, embora no ano de sua conclusão, os estudos sobre a misoginia online e a *manosphere* expandiram-se e alcançaram um nível mais abrangente, atingindo inclusive o *mainstream* da imprensa brasileira e mundial.

A conclusão desta pesquisa indica que a ascensão da Internet marcou uma mudança significativa no panorama das relações de gênero, introduzindo novas práticas de violência de gênero que, embora compartilhem similaridades e conexões com a misoginia histórica, apresentam características distintas. Aspectos como o anonimato proporcionado pelas plataformas online muitas vezes promovem comportamentos misóginos que, embora enraizados em atitudes históricas, assumem formas renovadas e, por vezes, mais insidiosas. Assim, a Internet não apenas reflete, mas também potencializa e transforma a misoginia, demandando uma análise crítica e estratégias específicas para abordar essa complexa interseção entre tecnologia e discriminação de gênero.

REFERÊNCIAS

- Álvares, C. (2017). Pós-feminismo, misoginia online e a despolitização do privado. *Media & Journalism*, 17(30), 99-110. https://dx.doi.org/10.14195/2183-5462_30_7
- Astin, F., & Long, A. (2014). Characteristics of qualitative research and its application. *British Journal of Cardiac Nursing*, 9(2), 93–98. doi: 10.12968/bjca.2014.9.2.93
- Baym, N. K. (2015). *Personal connections in the digital age* (2nd ed.). Cambridge: Polity.
- Borkowska, K. (2018). Approaches to Studying Masculinity: A Nonlinear Perspective of Theoretical Paradigms. *Men and Masculinities*, 23(3-4), 409-424. doi:10.1177/1097184x18768376
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de sociologia* (M. S. Pereira, Trad.). Lisboa: Margens 47.
- Brasil (2016). *Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais*. Brasília: CNS.
- Castells, M. (2003). *A galáxia Internet: Reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. (Borges, M. L. X. A., Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Castells, M. (2013). *Communication power*. Oxford: Oxford University Press.
- Code, L. (2005). *Encyclopedia of feminist theories*. London: Routledge.
- Costa, P., & Bianchini, D. (2008). Caracterização da demanda futura de usuários da internet no Brasil: Uma contribuição para o desenvolvimento de políticas governamentais de inclusão digital e acesso à internet. *Revista De Gestão Da Tecnologia E Sistemas De Informação*, 5(1), 135-162. doi:10.4301/S1807-17752008000100007
- Drakett, J., Rickett, B., Day, K., & Milnes, K. (2018). Old jokes, new media: Online sexism and constructions of gender in Internet memes. *Feminism & Psychology*, 28(1), 109- 127. <https://doi.org/10.1177/0959353517727560>
- Foucault, M. (2004). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (R. Ramallete, Trad.) (29ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1975).
- Gibson, W. (1984). *Neuromancer*. New York, NY: Penguin Group.
- Ging, D. (2017). Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. *Men and Masculinities*, 22(4), 638-657. doi:10.1177/1097184x17706401
- Ging, D., & Siapera, E. (2018). Special issue on online misogyny. *Feminist media studies*, 18(4), 515-524. doi: 10.1080/14680777.2018.1447345
- Harvey, D. (2007). *A brief history of neoliberalism*. Oxford University Press, USA.
- Hawley, G. (2019). *Making sense of the Alt-right*. New York, NY: Columbia University Press.

- Israel, C. B. (2019). *Redes digitais, espaços de poder: sobre conflitos na reconfiguração da internet e as estratégias de apropriação civil* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi: 10.11606/T.8.2019.tde-24052019-102927.
- Lima-Santos, A. V. S., & Santos, M. A. (2022). Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(3), 1081-1102. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.69802>
- Lima-Santos, A. V. S., Souza, C., Rodrigues, E. C. G., & Santos, M. A. (no prelo). Practices of online misogyny: meta-synthesis of qualitative studies. *Norma: International Journal for Masculinity Studies*.
- Lin, J. L. (2017). Antifeminism Online : MGTOW (Men Going Their Own Way). In Frömming, U. U.; Köhn, S.; Fox, S.; Terry, M. (Orgs.), *Digital Environments: Ethnographic Perspectives Across Global Online and Offline Spaces* (pp. 77-96). Bielefeld: Transcript Verlag.
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*. 22(3), 935-952. doi: 10.1590/S0104-026X2014000300013
- Machado, J. A. (2007). Ativismo em rede e conexões identitárias: Novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias*, 9(18), 248-285. doi:10.1590/s1517-45222007000200012
- Medrado, B., & Lyra, J. (2008). Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 809-840. doi:10.1590/s0104-026x2008000300005
- Miskolci, R. (2017). *Desejos digitais. Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Nagle, A. (2017). *Kill all normies: Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. Winchester, UK: Zero Books.
- Nissenbaum, A., & Shifman, L. (2015). Internet memes as contested cultural capital: The case of 4chan's /b/ board. *New Media & Society*, 19(4), 483–501. doi: 10.1177/1461444815609313
- Papacharissi, Z. A. (2011). On convergent supersurfaces and public spheres online. *International Journal of Electronic Governance*, 4(1-2), 9-17.
- Parrini, R. (2006). *¿Existe la masculinidad? Sobre un dispositivo de saber/poder*. México: Colégio do México.
- Ponzanesi, S. (2020). Digital diasporas: Postcoloniality, media and affect. *interventions*, 22(8), 977-993. doi: 10.1080/1369801X.2020.1718537
- Prioste, C. (2022). Os incels e a misoginia nas redes sociais: reflexões para uma educação antimisógina e antissexista. Em Bortolozzi, A. C.; Ribeiro, P. R. M. (Orgs.), *Enfrentando*

a barbárie: Temas emergentes sobre sexualidade, gênero e educação em cenários antidemocráticos (pp. 111-119). Gradus: Bauru.

Rocha, C. (2021). *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo, SP: Todavia.

Valkenburgh, S. P. (2018). Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. *Men and Masculinities*. <https://doi.org/10.1177/1097184X18816118>

Wachowski, L., Wachowski, L., Wachowski, L., Wachowski, L., Silver, J., Davis, D., ...Ping, Y. W. (Writers), & Paterson, O. (Producer). (1999). *The matrix* [Motion picture]. United States: Warner Bros.

Zuboff, S. (2021). *A era do capitalismo de vigilância* (G. Schlesinger, Trad.). Intrínseca.

ANEXO A-Dispensa de submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa

Devolução da documentação submetida na Plataforma Brasil ➤

 CEP <coetp@listas.ffclrp.usp.br> 28 de mai. de 2021, 17:47 ★ ↶ ⋮
para mim ▾

Prezado André, boa tarde.

O projeto intitulado **“Misoginia e sentidos produzidos em fóruns on-line: análise a partir dos posts compartilhados de forma aberta por usuários masculinos”** foi recepcionado na Plataforma Brasil para a realização de uma checagem documental, antes de ser enviado para análise do relator. Desta forma, estamos devolvendo a documentação submetida para que sejam realizados alguns ajustes:

***TCLE:**

Como justificativa de dispensa do TCLE foi inserida a seguinte afirmação: "De acordo com a Resolução N° 510 (Brasil, 2016), o Plenário do Conselho Nacional de Saúde resolveu que não serão avaliadas ou registradas pelo CEP/CONEP pesquisas que utilizem informações de acesso público nem pesquisas que se utilizem de informações de domínio público." **Se a presente pesquisa utilizará apenas dados públicos não haverá a apreciação pelo CEP.**

Atenciosamente.

Daniela Gabeloni
Técnico para Assuntos Administrativos
Comitê de Ética em Pesquisa
n° USP 7100686

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - FFCLRP - USP
Avenida dos Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 - Prédio da Administração - sala 07
14040-901 - Ribeirão Preto - SP
Fones: (16) 3315-4811
E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br
Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>